

## Nísia Floresta e a recepção de romancistas estrangeiras em “Opúsculo Humanitário”

Larissa Karoline Campos Oliveira

Mestranda Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo

larissa.karoline.oliveira@usp.br

**Resumo:** Esse artigo é parte da pesquisa de mestrado desenvolvida atualmente sobre a autora Nísia Floresta (1810-1885), filósofa, educadora e escritora oitocentista brasileira, que escreveu o seu livro “Opúsculo Humanitário” (1853) com o objetivo de debater a educação das mulheres no Brasil império. O presente trabalho tenta discorrer sobre as intenções de Nísia ao recepcionar romances de escritoras estrangeiras. Duas diferentes autoras do século XIX, provenientes de diferentes países serão analisadas: George Sand, escritora francesa, da qual eu trabalharei com a sua obra célebre obra “Lélia”; e Harriet Beecher-Stowe, a famosa escritora de “A Cabana do Pai Tomás”, referência ao se tratar da Guerra de Secessão dos Estados Unidos da América. Utilizando a metodologia de tradução cultural, de Peter Burke (1992) e mediação cultural, de Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) procura-se discorrer sobre tópicos de História Intelectual que possam justificar as indicações da filósofa.

**Palavras-chaves:** Nísia Floresta; recepção; romances;

Dionísia Gonçalves Pinto ou Dionísia Pinto Lisboa – dada a inconclusões do nome da autora –, conhecida como Nísia Floresta (1810-1885) foi uma educadora, filósofa e escritora oitocentista nascida em Papari (atual Nísia Floresta), Rio Grande do Norte, que se dedicou a promover o acesso à educação e a promoção de mulheres a ocupação do espaço público e de trabalho na sociedade imperial brasileira. Conhecida e influente no século XIX, apesar de invisibilizada pela História no século seguinte, Nísia teve o seu nome e importância resgatados com relativo destaque nos últimos 30 anos, com novas edições de suas obras e aprofundamento de pesquisa sobre seus escritos. Mais conhecida pelos seus escritos sobre as mulheres, como a tradução livre do livro “Reivindicação dos Direitos das Mulheres”<sup>1</sup>, de Mary Wollstonescraft – e um pouco menos por alguns contos e poemas indianistas e abolicionistas que também publicou a época –, seguiu tradições da época que a incluem dentro do escopo e atmosfera da intelectualidade liberal, ilustrada e romântica que criou oportunidade para que se pronunciasse sobre a educação da mulher no Brasil oitocentista.

Foi inclusa nessas tradições que a autora desenvolveu a escrita de “Opúsculo Humanitário” (1853), uma tese em defesa da educação da mulher, publicado primeiramente

---

<sup>1</sup> A aventura desta “tradução livre” é mais explorada por Pallares-Burke em seu livro “Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural” (1996).

em folhetins – num meio termo entre a escrita doutrinária – nos jornais *Diário do Rio de Janeiro* e *O Liberal* entre os anos de 1852-1853, após a sua recente volta de uma viagem de três anos na Europa, tendo, posteriormente, seus artigos publicados em livro. A educação como meio de superação do problema da inferioridade feminina é o foco de maior relevância de “Opúsculo Humanitário”, com um projeto que objetivava a construção de uma cultura nacional que tivesse mulheres inscritas em seu meio.

Em “Opúsculo Humanitário”, a autora se dedica a apresentar propostas para exemplificar as suas ideias da emancipação da sociedade. Nísia faz comparações da situação do Brasil com países por ela considerados mais progressistas e exemplos culturais e sociais que em sua visão provariam o seu ponto. Nesse âmbito, parece aderir a arquétipos intelectuais e de outros ambientes sociais, como a formação cultural das mulheres nos países por ela exemplificados, incluindo manifestações literárias e romances escritos por mulheres e seu papel na construção desses ideais de sociedade<sup>2</sup>. Nesse cenário, o objetivo de Nísia seria recuperar aqueles excluídos socialmente – tendo as mulheres como centrais em sua argumentação – para afirmar sua importância e seu papel numa concepção universal de humanidade.

No livro, Nísia percorre um fio argumentativo que se inicia numa retrospectiva historiográfica sobre as mulheres no mundo ocidental desde a antiguidade, seguida pela comparação com a educação de mulheres europeias, uma reflexão sobre as mulheres brasileiras em suas diferentes classes e raças e, posteriormente, recomendações de mudança e reforma do país, o que leva a pesquisa a outras autoras. Em certo ponto de sua argumentação no livro, a Nísia indica e recomenda algumas escritoras de outros países. Procura-se compreender o porquê dessas recomendações – o que num primeiro momento aparenta ser nomes de mulheres conhecidas para revelar o desenvolvimento e o progresso que países com um grande grau de educação direcionado às mulheres podem alcançar, por outro lado pode revelar algumas intenções resguardadas a autora e direcionadas ao público leitor dessas obras com o objetivo de influenciar nas ideias debatidas para a construção da nação que estava se formando na década de 1850 – em contexto, o imperador D. Pedro II havia se tornado rei há apenas 10 anos e ainda havia o contexto de diversas revoltas populares, o que revela a fragilidade do Estado brasileiro que ainda tinha as ideias nacionalistas em formação.

---

<sup>2</sup> DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: vida e obra. UFRN: Editora Universitária, 1995.

Em relação aos livros indicados, foram identificadas oito diferentes autoras a qual Nísia utiliza para a sua argumentação. Apesar da maioria das indicadas serem inglesas serão analisadas as obras de duas autoras, uma delas francesa – George Sand (1804-1876)– e a outra estadunidense – Harriet Beecher-Stowe (1811-1896) –, que parecem apresentar grandes distâncias entre si, mas que podem compartilhar alguns aspectos em comum, dentro da proposta de estabelecer possíveis paralelos. É interessante denotar que grande parte dos livros indicados por Nísia são na forma romance, o que pode ter ocorrido pelo fato de que havia um grande público escritor e leitor formado por mulheres; e a forma do romance estava cada vez mais em alta, se estabelecendo como um dos gêneros mais utilizados na literatura no XIX<sup>3</sup>.

Para fazer essa análise são utilizados os conceitos do historiador Peter Burke<sup>4</sup> de *tradução cultural* – uma vez que Nísia tem um contato intenso com os países do Norte e os traduz de várias formas para os leitores brasileiros; a ideia de tradução cultural já foi aplicada com sucesso como metodologia de análise das obras de Nísia por Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke<sup>5</sup>. Também é utilizado o conceito de *mediação cultural*, de Patricia Hansen e Angela de Castro Gomes<sup>6</sup> que dialoga mais com o fato de Nísia ser uma intelectual que percorre os meios populares e considerados de ‘elite’ para divulgar as suas ideias – a filósofa também era a dona de um colégio para meninas, no qual desenvolveu matérias de línguas e álgebra, para além do costumeiro e único ensino de trabalhos domésticos que as escolas da época ofereciam.

Ao se iniciar com o livro de Harriet Beecher-Stowe, é interessante compreender o seu contexto. A autora teve uma educação acadêmica voltada para os livros clássicos e a matemática. Era filha de um clérigo calvinista, e também foi casada com um clérigo, o que pode revelar certa influência no caráter cristão e evangelizador no “A Cabana do pai Tomás”. A autora e o marido eram figuras aparentes e constantes em debates políticos sobre republicanismo e abolicionismo; a irmã de Beecher-Stowe publicava tratados sobre a educação da mulher na sociedade norte-americana oitocentista. No decorrer do livro há uma discussão sobre republicanismo, racismo e um debate acalorado sobre a moralidade da

---

<sup>3</sup> WATT, Ian. “O realismo e a forma romance”. A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 (original: 1957).

<sup>4</sup> BURKE, Peter. HSIA, R. Po-chia (Orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

<sup>5</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.

<sup>6</sup> GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1ª. ed, 2016.

religião, o que denota a influência do seu ambiente social e das discussões intelectuais as quais estava envolta. Sobre o livro, Nísia diz que:

O livro de Mrs. Stowe é um primor de moral, de delicadeza de estilo, de sentimentos sublimes, de preceitos cristãos, simples e habilmente dirigidos por mão feminina, que sabe toda a superioridade que tem a doce eloquente voz da persuasão, demonstrando os crimes em presença de suas vítimas, debaixo das formas mais capazes de inspirar o interesse e a compaixão, sobre o brado da rígida moral que severamente acusa a sociedade de qualquer povo de havê-los praticado. Essa obra pode ser considerada como um moderno Evangelho, em que todos os corações americanos deveriam ir beber as lições do Cristo, transmitidas pelo apóstolo feminino a quem Ele as inspirou.<sup>7</sup>

De modo explícito é possível identificar que o abolicionismo é um dos pontos principais para Nísia em relação ao livro de Beecher-Stowe. Apesar do tráfico de escravizados ter sido proibido oficialmente em 1850 no Brasil, a escravidão ainda era um tópico em voga no país, com o abolicionismo aparecendo como um tópico de discussão relevante de forma crescente. Ao ser um dos primeiros intelectuais no Brasil a receber “A Cabana de Pai Tomás”, Nísia demonstra como as questões do tema eram compartilhadas pelo mundo ocidental. No entanto, como um pensamento geral e compartilhado a época, o abolicionismo no Brasil era visto como um processo a ser alcançado gradualmente, não como um movimento espontâneo, revelando o caráter reformista que a filósofa procurava demonstrar em sua análise de Beecher-Stowe<sup>8</sup>. Num trecho de seu livro *Opúsculo*, Nísia expressa a sua expectativa de que todos os brasileiros leiam Pai Tomás e possam se espelhar nos personagens tidos como bons e cristãos no livro, para que o país tenha um grandioso futuro. O abolicionismo, assim, não apenas tem um caráter político, mas também moral, ponto em que tenta alcançar a população pela mentalidade religiosa. Esse ponto da moralidade se mistura com as ideias de formação e construção de cultura nacional, comum àquela época na literatura realista<sup>9</sup>.

A moralidade também está presente em *Lélia*, e não só na obra, como na perspectiva de Nísia sobre George Sand – e na vida das autoras. Primeiro, em sua argumentação, Nísia chega a ponderar o quanto mais brilharia se Sand tivesse uma educação religiosa relevante – lembrando que a francesa era cercada de polêmicas pelo costume de se vestir de homem publicamente e ter diversos maridos no decorrer de sua vida. Além disso, George Sand era um

<sup>7</sup> FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Ed. Cortez, 1989, p. 42.

<sup>8</sup> FERRETTI, Danilo. A publicação de “A cabana do pai Tomás” no Brasil escravista: o “momento europeu” da edição Rey e Belhate (1853). *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 33, n. 61, p. 189-223, jan/abr 2017.

<sup>9</sup> WATT, 1990.

pseudônimo masculino utilizado por Amandine Aurore Lucile Dupin, uma romancista e memorialista francesa altamente conhecida nos círculos intelectuais e literários do século XIX. *Lélia* foi a sua terceira obra publicada, mas a primeira de grande circulação, sendo levada ao público em 1833. Sobre Sand e a sua obra, Nísia discorre:

A pena de ouro que escreveu *Lélia*, a mais sublime de suas concepções, repousou compondo os seus dramas morais que fizeram reviver na cena de Paris os simplices costumes rurais e perdoar à sua autora alguns de seus escritos, julgados, pelos severos moralistas, por demais livres.<sup>10</sup>

Surge o questionamento sobre as impressões de Floresta: seriam os severos moralistas eram os outros críticos ou a própria Nísia? Ou ela procura justificar ao seu público leitor a indicação do livro da autora, apesar da fama de George Sand, que era muito conhecida e comentada no Brasil? Pode parecer um tanto irônico o fato de Nísia tratar sobre essas polêmicas da vida de Sand, uma vez que ela mesma sofreu com apontamentos realizados pelo fato de ela ter largado o primeiro marido e se casado uma segunda vez. No entanto, nesse contexto há a questão sobre a moralidade religiosa que Nísia procurava incluir no desenvolvimento cultural do país – desatado da Igreja, já que a filósofa era anticlerical – e o diálogo que procurava estabelecer com a elite do país, que era, em seu interim, católica. Em Harriet Beecher-Stowe, a falta de moralidade ou aspectos religiosos, considerados morais, tornam a mulher um ser ‘incompleto’; enquanto isso, em *Lélia*, a excessiva moralidade desorientada, sem seguir uma racionalidade esperada da protagonista é a sua sina – ela não aproveita a vida e isso a leva a morte.

Ambos os livros aqui analisados têm enredos bem diferentes; enquanto um trata especificamente sobre os males da escravidão e tem o abolicionismo como o cerne do desenvolvimento de sua narrativa, o outro tem um caráter mais existencialista e segue a história sobre uma jovem mulher que sofre com o pessimismo da própria vida. Contudo, apesar disso, ambos focam no caráter do desenvolvimento psicológico das personagens, denotando o aspecto privado dos seus pensamentos, emoções e sentimentos em relação a um exterior que afeta o seu desenvolvimento interno – principalmente no de Pai Tomás, o protagonista escravizado; e St. Clare e Legreen, diferentes senhores de escravos com caráter opostos que aparecem no decorrer da trama no “A Cabana de Pai Tomás”; e todos os quatro personagens principais – *Lélia*, Stênio, Pulchérie e Trenmor –, no caso de “*Lélia*”.

---

<sup>10</sup> FLORESTA, 1989, p. 33.

Este movimento entre as questões privadas e públicas do desenvolvimento da personagem – tanto das emoções, quanto na conjuntura social na qual tais obras estão inseridas – podem aparecer nos diálogos da narrativa e nos diálogos entre as próprias obras e a recepção do público. Isso nos permite partir para a ideia de opinião pública, tão importante a época que aparecia constantemente como discussão nas próprias obras – e na velada preocupação que os autores tinham na publicação de seus livros.

Em ambas as obras indicados por Nísia que aqui são analisadas, esse é um assunto em comum. Beecher-Stowe se volta ao leitor várias vezes através do seu narrador onisciente para lembrá-lo de certas partes da narrativa que haviam ocorrido – o que faz sentido, uma vez que o livro foi publicado aos poucos em forma de folhetim –, para construir uma identificação do leitor com as situações e as personagens e para fazer apelos sobre a situação da escravidão nos Estados Unidos da América e em favor do abolicionismo. Por exemplo, a defesa da fuga de Eliza para salvar seu filho da venda para um traficante de escravizados, onde ela procura empatizar os leitores e leitoras, com as quais também fazia apelos atrelados à maternidade:

If it were *your* Harry, mother, or your Willie, that were going to be torn from you by a brutal trader, tomorrow morning,—if you had seen the man, and heard that the papers were signed and delivered, and you had only from twelve o'clock till morning to make good your escape,—how fast could *you* walk? How many miles could you make in those few brief hours, with the darling at your bosom,—the little sleepy head on your shoulder,—the small, soft arms trustingly holding on to your neck?<sup>11</sup>

Tal estratégia de argumentação parece ter dado certo em certas circunstâncias, julgo o fato de que “A Cabana do Pai Tomás” se tornou um livro de enorme sucesso, como um dos primeiros best-sellers da época moderna, com uma ampla discussão e adesão dos leitores do norte do país e causando um grande desprezo dos moradores do Sul, onde a escravidão no país era mais forte; e chegando a ser considerado um dos estopins da Guerra de Secessão ou a Guerra Civil dos Estados Unidos da América.

Na outra obra analisada, pode-se observar uma crítica Sand a essa opinião pública através da personagem Pulchérie:

“Lélia, do you know the power of public opinion? People who submit to it are called worthy, when they are merile servile. One must be strong to resist it. Do you

---

<sup>11</sup> “Se fosse seu Harry, sua mãe ou seu Willie, que fosse ser arrancado de você por um comerciante brutal, amanhã de manhã, - se você tivesse visto o homem, e ouvido que os papéis foram assinados e entregues, e você tivesse apenas do meio-dia à manhã, para garantir sua fuga - quão rápido você conseguia andar? Quantos quilômetros você poderia fazer nessas poucas horas, com a criança em seu seio, - a cabecinha sonolenta em seu ombro, - os braços pequenos e macios segurando confiantemente em seu pescoço?” [tradução própria]

consider an egotistical calculation, which is so easy to make and so encouraged and rewarded by the world, to be virtue?”<sup>12</sup>

Em uma análise honesta, não se pode tomar a fala de uma personagem pela da autora, e por isso deve-se atentar de que Pulchérie é uma contraposição da protagonista da obra, que tenta dialogar com as perspectivas do pessimismo de suas emoções. Mas, a tentativa de contrapontos que Sand faz com ambas as personagens – figuras em polos opostos em que a própria autora admitiu se enxergar em diferentes momentos da vida –, torna mais interessante o fato de que no decorrer da narrativa Lélia complementa o pensamento de Púlchérie, ao considera a opinião pública como um meio revelador sobre os ideais de civilização e seus problemáticos progressos do que realmente o desenvolvimento de reflexões particulares e morais.

Em conclusão, como esses apontamentos podem ser interpretados dentro da argumentação de Nísia? James Wood<sup>13</sup> explica que o romance como prosa age como uma mudança da manifestação poética e literária da vida pública para a privada. É interessante pensar que no Brasil a definição e a separação de cada um desses aspectos ainda estavam sendo estabelecidos durante o Império. Nísia, naquele momento, estava fazendo um manifesto a favor das mulheres terem uma participação efetiva na vida pública e parece querer mostrar que o romance, adaptado para o Brasil ainda rural, também poderia se adaptar as particularidades de construção de uma nação com mulheres presentes na vida pública como “apoios” de um possível progresso. E ela dialoga com essa opinião pública que ao mesmo tempo está retirando as mulheres da convivência política, tem um alto grau transformador.

Nísia deixa claro que nesse livro em específico ela não quer falar dos direitos do sexo, mas sim das vantagens da educação da mulher para o avanço e o pretense progresso da sociedade. Atualmente, teoricamente, a educação está dentro da ideia de direito – mas à época, no Brasil, isso ainda estava no processo de ser estabelecido como um direito e não como um privilégio – apesar da Carta Outorgada de 1824 ter garantido educação às mulheres, a estrutura da instituição escolar voltada para esse público não se desenvolveu, e nos lugares que tinha, era voltado para uma educação doméstica. Então aparentemente, a autora está dialogando aspectos ímpares que podem propiciar esse movimento, como uma cultura calcada

---

<sup>12</sup> “Lélia, você conhece o poder da opinião pública? As pessoas que se submetem a ela são chamadas de dignas, quando são meramente servis. É preciso ser forte para resistir. Você considera um cálculo egoísta, tão fácil de fazer e tão encorajado e recompensado pelo mundo, uma virtude?”[tradução própria]

<sup>13</sup> WOOD, James. “Breve história da consciência”; “Verdade, convenção, realismo”. Como funciona a ficção. São Paulo: Cosac Naify, 2011 (original: 2008), p. 125-146,191-210.

na religião e na moralidade, a fim de permitir mais oportunidades e um melhor desenvolvimento às mulheres, de acordo com os seus próprios critérios.

### Referências Bibliográficas

- BEECHER-STOWE, Harriet. *Uncle's Tom Cabin, or life among the lowly*. Project Gutenberg, 1995. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/203/203-h/203-h.htm>
- BOTELHO, Tarcísio R. Censos e Construção Nacional no Brasil Imperial. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 1, pp. 321-341. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v17n1/v17n1a13.pdf>.
- BURKE, Peter. HSIA, R. Po-chia (Orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A Interiorização da Metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005.
- DOLHNIKOFF, Miriam. *História do Brasil Império*. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. UFRN: Editora Universitária, 1995.
- ECO, Umberto. "A poética da obra aberta". *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1968 (original: 1962), p. 37-66.
- FERRETTI, Danilo. A publicação de "A cabana do pai Tomás" no Brasil escravista: o "momento europeu" da edição Rey e Belhatte (1853). *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 33, n. 61, p. 189-223, jan/abr 2017.
- \_\_\_\_\_. A escravidão e a "verdade" do romance: primeiras leituras e usos públicos de "A Cabana do pai Tomás" no Brasil (1852-1858). *Rev. Hist. (São Paulo)*, n.179, 2020.
- FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1ª. ed, 2016.
- GUIMARÃES, Helio. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- \_\_\_\_\_. Pai Tomás no romantismo brasileiro. *Teresa, revista de literatura brasileira*. 12-13, São Paulo, pp. 421-429, 2013.
- MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial Raça, travestismo e o culto da domesticidade. In: *Cadernos Pagu*, 20, 2003, pp. 79-80.



- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAND, George. *Lélia*. Introdução e Tradução para o inglês por Maria Espinoza. Indiana University Press, 1978.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. 1989. Tradução por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.
- WATT, Ian. “O realismo e a forma romance”. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 (original: 1957), p. 11-33.
- WOOD, James. “Breve história da consciência”; “Verdade, convenção, realismo”. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011 (original: 2008), p. 125-146,191-210.
- ZIBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.